



O COSMOPOLITA

Orgam dos Empregados em Hotéis, Restaurantes, Cafés, Bars e Classes Conjeneres

ANNO II — N. 34
Publica-se aos sabados

Rio de Janeiro 6 de julho de 1918

REDAÇÃO
RUA DO SENADO, 215-217
Telefone-Central 1499



“O INEVITAVEL”

Avolumando-se, crescendo, rujindo a ONDA REVOLUCIONARIA, acelerada vem, ameaçando num impeto de colera e de revolta, inundar e destruir o Mundo nas suas organizações atuais.

— Legisladores, militaristas, clero, capitalismo, burguezia hedionda: tremei Vem na espuma do inevitavel fenomeno social que se desencadeia a PLEBE faminta, ós parias perseguidos e todas as tuas vitimas sedentas de vindita. Inconcientes, tremei! a HORA DA JUSTIÇA terrena se aproxima. — Soltas as reprezas da Colera quem poderá deter o oceano que transborda? ... — A ANARQUIA, tufão de reivindicações que impele essa onda, vos verá de rente nesse dia!...

(Desenho e texto de M. CAPLONCH)

A FOME OS CONDUZIRA'...

Andam por ai, agora, esses pandegos cevandijas que de nosso sangue se nutrem, com historias de salvar a população da fome estortegadora em que se definha, fome oriunda das suas deslavadas bandalheiras e irsondaveis infamias de crapulas irremessiveis.

Ao perigo que já se delinea em traços fortes, inconfundiveis, de uma multidão faminta, e como tal capaz de tudo, tremem no seu cibarritismo os responsáveis, ajitam-se os que rasgam o povo as arterias, pr'o sangue jeneroso absorverem e tratam de encontrar meios e modos d'equilibrar a infamia em que vejetam.

Sabendo a que pode levar um homem o estomago torturado, eles, que descansam na demonstrada servidão e ignorancia do povo, — e quem diz povo, diz trabalhador — servidão que os tolera, ignorancia que os alimenta, sentem nessa hora negra d'affeições e ferezas, o sussurrar confuzo d'ameaças terriveis. Sentem que a fome levará fatalmente, o que a lojica raciocinada não conseguiu, esses eternos parias da sociedade, sobre cujas cabeças caem sempre as consequencias dos, desmandos e crapulices dos sucios, aos dignos desforços justicadores e ás grandes turbulencias libertarias.

Sentem isso, e tremem nos seus palacios dourados o ajuste de contas inevitavel, procurando embalde, no desmornar iminente de seus imperios, couza que os salve. Já não confiam

mais nas carabinas dos soldados, porque estes, já hoje vão percebendo a infamia a que lhes obrigam, e compreendendo que o seu partido é o dos que sofrem, dos dezerdados, dos explorados, e não o dessa jente sem entranhas, jente do ouro, jente da politica, que gozam á pança larga o trabalho dos homens decentes, e trazem, a eles, soldados, no horror de uma vida sem conforto, eternamente amarrados ao tronco de uma disciplina abominavel. Foje-lhes a fé na passividade obediente dos escravos da farda, que hoje sabem negar-se ao assassinio de seus irmãos, e amanhã, quiça, com eles se aliem, para o esmagamento necessario do inimigo comum.

É nesse atordoamento de fim de farra que os tiranos que nos espeznham e enxovalham, cinica e irritantemente surjem, com proposito de debelar a fome que por ai vai, já agora que lhes foje a força, uzando de truques e farçolas, que felizmente não mais enganam a ninguém. O tal "Comissariado da Alimentação Publica", que a inadjetivavel figura por todos nós conhecida lembrou-se de fazer, talvez bastamente convencida que com isso engodaria a aflição popular, a breve trecho vai ser mais um buraco por onde escoará o pouco que nos reste d'alimento.

Não sendo mais que um coio de malandros, o tal "Comisariado", que tem á frente um dos 'mais eminentes la-

drões de quantos têm passado pelo Tezonro Nacional, acabará por escurchar o povo, inteiramente, se antes disso não fór pelos esgotos, á futrica, e mais quem lh'o pariu...

Certo que os homens, cujos estomagos pagam os deboches d'esses patifões, não suportarão eternamente essa afroma de serem, na propria miseria, motivos de zombaria e de galhota.

Com a fome não se brinca. Ela é a maior agitadora que a historia nos apresenta. Ela diviniza os homens muitas vezes, tornando-os de castrados, destemidos, e de cobardes escravos, os mais iluminados heróis de barricadas.

A Russia é um exemplo flagrante admiravel: surjiu duma grande opressão. Lá, hoje, o produtor é o dono da produção, e os soldados, fartos das misérias que sofriam, voltaram as armas contra os seus tiranos, e deram o braço aos trabalhadores.

Pena que aos nossos soldados não repugnem as papas que lhes servem... Mas as couzas chegarão a tal ponto — olá se chegarão! — que novidades teremos a contar. A fome rebeladora aí vem. E' nela que confiamos, agora...

A medida que, aumentando vossas necessidades, menos vos absorveis pelas necessidades do corpo, se vos despertarem necessidades de outra natureza a reclamarem, por sua vez, o alimento apropriado para sua satisfação. Quereis saber e podereis consegui-lo; pois que não vos faltará o tempo necessario para cultivar e adquirir a ciencia.

Todos terão facil acesso á fonte da instrução, que tornará o trabalho mais fecundo, e progressivamente os elevará a uma esfera superior de existencia.

Lamenals.

TENDENCIA HUMANA

Observa-se na historia da humanidade uma tendencia manifesta contra o governamentalismo.

Em todos os povos e em todos os tempos, ezistiram opozitores aos governos. Os governantes jamais foram queridos, o que é lojico, pois governo equivale a tirania, e os homens sentem-se livres e aspiram dezenvolver-se sem trevas.

D'ái a paulatina diminuição de poder da autoridade, poder que se deluí lentamente, que vai de um individuo, que antes o possuia em absoluto, a varios, e que, por fim, chega como nas democracias modernas, a diluir-se entre muitos.

E' a liberdade que se impõe, apesar de todas as prepotencias, da gula insaciavel de mando dos governantes de todas as epochas.

Chegou um momento em que se acreditou tocar a anciada liberdade, com a difuzão da função governativa, com essa intervenção do povo nas funções do Estado por meio de seus representantes no congresso, confundindo-se lastimozamente a ficção democratica com a idéa de Liberdade, norte e guia de jerações e jerações.

A epocha do governo do povo pelo povo fez sua aparição, porém com ela não diminuiu a tendencia adversa ao governo. O absurdo que isto implicava, indicou a uns que o mal rezidia na mesma entidade governo, enquanto outros pensavam ver um falseamento da formula democratica

e se dedicaram ao trabalho em prol da purificação da doutrina.

Não precisamos insistir sobre a candidez d'estes ultimos, nem fazer ressaltar as infamias que á sombra dessa candidez se têm realizado e se realizam.

A critica do governo como instituição tem sido feita de um modo definitivo e com argumentos incontestaveis. O governo é mal em si mesmo, independente dos homens que o praticam e apesar deles mesmo, ezercendo um influco pernicioso sobre os mesmos, pois, inevitavelmente se vêm obrigados a tratar como inimigos os que sofrem as consequencias da pressão do governamentalismo.

O governo do povo pelo povo é uma ilusão, é irrealizavel.

Não ha outro remedio que a destruição do governo, unico modo de tornar a liberdade um fato, faze-la uma verdade.

Sustentar o governo, em qualquer forma que seja, quer votando, quer realizando revoluções politicas para derrocar a uns homens e colocar outros em seu lugar, é retardar o advento da liberdade, suprema aspiração humana, unica verdadeiramente digna de ser anhelada, porque sem liberdade o homem não se infrega na existencia, nem pode dezenvolver-se eternamente.

Eduardo Gillmón

A humanidade do futuro não poderá ter senão uma patria, sem fronteira disputadas, sem animozidades nacionais, sem exercitos que se trucidam; o homem será cidadão do mundo e o seu patriotismo será a fraternidade universal.

Carlo Cattaneo



GOLPES DE VISTA

I — A propozito da greve dos graficos nas oficinas Olimpio de Campos & C., o "Paiz", tenda do famigerado larpio João Gazúa, insigne jornalista da imprensa indijena, estampou polpudo e cavador artigo, em que, sempre naquella insolencia de labroste que doime com mulheres do politicos, condena formalmente os operarios na sua attitude de homens que protestam contra a exploração capitalista, exploração, diz ele, que só existe nos cerebros doentios d'alguns ajitadores.

Não nos cauza estranheza esse cuidado do Gazúa no respeitante aos interesses do patrão. A defeza proveitoza do burguez é conza que um matriculado jornalista, da estofa desses pulhastros que por ai fazem o jornalismo, não perde assim por poucas razões. O que no entanto nos espanta é que sendo o "Paiz" feito por graficos, dê a publico caluniozas referencias a essa classe, no flagrante intuito de predispor a opinião publica contra os seus justissimos movimentos de revolta. Natural seria que esses moços que trabalham no "Paiz", e generalizando, em quantas arapucas armadas em gazeta existam aqui no Rio, se negassem, já não queremos por um espirito de classe, mas por um justo meindre d'homens limpos, a compor diatribes e infamias que de peito ou de longe vizessem ofender uma corporação da qual são parte integrante.

Nada mais decente tal recusa, pois não é compreensível que um homem alce a propria mão que vai chicotea-lo. A não ser que os graficos, que se apellidaram de uma certa elite intelectual (sic) sejam diante da linotipo, nada mais que um seu simples complemento mecanico e irracional....

II — Telegramas de Curitiba, dizem que os soldados ali aquartelados já não sabem mais como suportar a inclemencia do frio, e reclamam insistentemente do governo medidas no sentido de lhes serem proporcionados colchois, cobertores, capotes e mais agasalhos indispensaveis, com este tempo, a qualquer mortal.

Pelo que se vê, esses homens que por lá fazem a vida de soldados, não a passam muito comodamente. São eles que garantem da barguezia o conforto, o luxo e as insolencias, e a burguezia, no entanto, trata-os como ao ultimo dos cães.

Na verdade, é preciso que o soldado seja muito imbecil e tenha uma vizã mui curta da existencia, para sujeitar-se a essa vida de rafeiro, garantindo o privilegio dos ricos e comendo o negro pão que o diabo amassou com o rabo.

III — Com festejos á altura de seu monumento passou a data da morte do Marechal Floriano, que por ai dizem as más linguas foi o consolidador dessa miseria republicana que já ha anos nos vem matando impiedosamente.

Houve discursieira choroza na tumba do Cajú, onde os ossos do marechal se fazem em farelo e mais litâneas fervorozas nos jornais.

Os bonecos da Avenida, inclusive o Anchieta, foram cobertos de crepe, e o governo decretou feriado pros seus malandrissimos auxiliares. A tarde houve desfile e muzicata em face da estatua, o moleque Ferreira deu alguns arrotos em saudação ao bronze, que tremeu no seu pedestal, e a função ai ficou para continuar no proximo ano.

IV — "Independence day" — e o governo resolve fazer feriado nacional em homenagem aos seus colegas do Norte. As rnas se embandeiraram para o desfile dos escravos da farda, que lá passam, sob carabinas enfeitadas, amarrados como saguís.

Vão contentes: terão as sopas do rancho melhoradas e o pão de canteio menos podre.

A noite, em honra ao dia da independencia, iluminam-se as fachadas dos hospícios, dos quartéis, das prisões e todas as demais casas de tormento.

V — Mentindo o todos, té aos proprios colegas, o chefe de policia dá mais uma vez, para quem o quizer, sobejas provas do que vale essa gente em cujas mãos deposita a burguezia a defeza da sua sociedade.

Mentirozos e perversos, escondendo a verdade com todos os truques despreziveis, essa cambada ceva nos infelizes que lhes caem nos cascos a plethora de maldade que lhes ajita o espirito.

O caso do chefe de policia ter escondido a um juiz, para efeito de defeza, a prizão de um homem, já não nos prova a sua hidrofobia, sino o degradante estado a que chegamos, ameaçados constantemente de, sem mais razões, unicamente pela vontade infame d'um homem ou de qualquer repu-

GESTO

A la Luz

Titán, alza tu Idea
con el rayo primer de la alborada
y ese tu Verbo redentor, hoy sea,
cual toque de vibrante clarinada
en la carga triunfal de una pelea.
Baja al Sol y a los astros que en el cielo
impiden que se yerga tu cabeza,
recama con sus chispas a tu suelo,
y así, para que sirva de modelo
el poder augustal de tu grandeza.
Enciende con tu luz el firmamento,
detén las iras bárbaras del viento,
las clásicas ciudades haz escombros,
derriba catedrales con tu aliento
y pon á las montañas en tus hombros.
Destroza las cadenas que las leyes
torjan para la plebe esclavizada
y en medio de una roja llamarada,
engarza en las coronas de los reyes
las piedras de tu heroica barricada!
Y así siempre, Titán. Y en aquel día
en que sientes ya próxima tu muerte,
piensa en la Juventud que te quería.
Y para mostrar aún tu alma fuerte
en medio al exterior de tu agonía
aunque sangren tus carnes en pedazos,
como el gesto de tu último heroísmo:
; Levanta al Mundo con tus férreos brazos
y arrojalo a lo hondo del abismo !

Ovidio Fernández Ríos.

Uma nova faze do O COSMOPOLITA

O COSMOPOLITA tornado semanal — eis realidade a acariciada esperança que todos nós alimentavamos. E irá agora por uma estrada mais difícil, é verdade, confiante, porém de que não lhe faltarão as acalentadoras simpatias de quantos sentem na sua existencia a necessidade de uma classe inteira.

Efetivamente, como organ de uma classe que se empenha em constantes lutas, na conquista de melhorias justissimas contra os interesses patronais, O COSMOPOLITA urjia apresentar-se com mais frecuencia, e assim poder desenvolver com maior intensidade, a sua obra de propaganda e levantamento. Sua saída semanal vem, pois, satisfazer uma necessidade de propaganda e defeza, necessidade que, certamente, por todos será compreendida — o que nos anima, ao entrarmos nessa nova faze de publicação, empreitada que absolutamente não tem as cores suavissimas da roza.

Sera, pois, superfluo o declarar que esperamos de todos os companheiros o apoio indispensavel ao bom ezito da iniciativa a que nos abalançamos. Apoio esse que esperamos, não deixará jamais em «deficit» a nossa caixa...

Tólo argumento

Que ninguém quereria trabalhar, se a igualdade já fosse um fato, dizem os ignóros inimigos da Sociedade Nova por que pelejamos. Como são poucos observadores! Além de muitas outras razões, haveria necessidade de descarregar os nervos, isto é, de despender energias que se accumulam. O homem não poderia ser um inativo, um mandrião. Assim como qualquer animal que, depois de farto, dá pulos e corre doidamente, tendo em mira uma quietude necessaria, tambem o homem sentiria a necessidade «natural» de agir. O porco dorme depois de farto. Mas o porco vive para comer. O homem, ao contrario, come para viver...

Gonçalves Corrêa

gnante agente de policia, perdemos a nossa liberdade no fundo dos carceres da policia central.

E' uma cidade e os destinos de uma população, entregues ao sabor de um homem, talvez mais feroz e odioso que um tirano qualquer da idade média.

E depois, falem ainda em democracias, em liberdades !...

Alex.

Os "principes" da jaquetinha

A attitude de alguns colegas, em face da questão com a Brahma, faz-me dizer-lhes um par de verdades.

Mas historiemos: Deu-se a questão com os nossos camaradas cocheiros sabida por todo o Rio; e esses colegas fizeram silencio, veio a adezação de todas as classes trabalhadoras e eles no mesmo mutismo; é pedido o auxillio do C. C. e este, como de sua obrigação, dá-lho, e eles calados; realizaram-se assembleas, faz-se propaganda do boicote, e esses colegas nem appareceram; o boicote é um fato, a Brahma apresenta seus propagandistas em cena, distribui ouro, esses meus colegas talvez fascinados pelo metal sonante, lembram-se agora de protestar. Porquê?

Acazo seu sentimento de propagandistas da Brahma só agora foi despertado, ou foi depois que ziram o ouro da mesma Brahma jitar?

Que temos nós, trabalhadores, que defender este ou aquele capitalista, esta ou aquela Companhia, se nós somos vilmente explorados por esses mesmos, de mais a mais nima enjerencia destas em que está em jogo a dignidade de uma classe de trabalhadores honestos, ao par da prepotencia duma Companhia que a nada atende a não ser matar á fome os que lhe dão, com seu braço vigoroso, as riquezas que eles accumulam em suas possantes burras.

Qual dessas duas entidades é nossa maior inimiga?

Os carroceiros, infelizes explorados como nós, que labutam para angariar o pão para si e seus filhos, que vivem massacrados pelo canalhismo burguez ou esses canalhas que trepados nas suas burras, de chicote em punho, barriga sempre farta, ameaçando com a fome os que tem a desdita de lhes cair nas mãos?

Respondei? Em vossos cerebros ainda não entrou esta lojica de tão facil compreensão? E se não entrou dezisti da vida pois sois uns imprestaveis dignos de compaixão das classes que labutam.

E os carrancistas conservadores que ainda imperam no nosso meio tiveram o descaramento — oh! irrisão — de dizer que não podiamos comparar-nos com nossos camaradas cocheiros, porque? Acazo esses «principes» não se capacitam que são crioulos, na essência burgueza, senão melhores do que esses homens, que como nós labutam? Acazo esses mesmos «principes» naceram vestidos e os outros nós? Que foi que a natureza lhes deu a mais, a não ser dois braços, como aos outros para ganhar o pão?

Para tráz vilões, refleti nas palavras que pronunciastes, pensai no que fazeis, pois dia e noite vos enterrais mais e mais no lodoçal. Vendei-vos á Brahma ou a quem vos compre, mas não tenteis injuriar trabalhadores, que como vós soffreis as consequências do jugo patronal, e as agruras da sociedade madrastra.

Como vedes, sois explorados como eles, e portanto no meio da classe dos explorados não deve haver hierarquias e principalmente no caso da questão do boicote aos produtos da Brahma, pois se eles lidam com burros, nós vivemos carregando pratos sujos...

Agarh.

UM APROPOZITO DE ARTE

Algo interessante o inquerido procedido ha dias, por uma das revistas aqui publicadas, entre os nossos jovens artistas pintores.

A cousa não é absolutamente nova, e dessa vez teria sido como o comum de tais «enquêtes», idiota e sensaborona, se uma voz não houvesse que, sem infleccões de hipocrizia, dezassombada e clara, nos mostrasse que a arte entre nós já vai deixando de ser um entretenimento de burguezes, ou que, artistas ha que dela não têm esse conceito tão rasteiro e inferior.

Nas respostas formuladas aos quezilos aprezentados pela revista aos pintores que entraram na «enquête», ficamos a vêr como é curia a vizão de tais artistas, e como são eles, eceto um — e este já o sabemos sobreparante ao vulgo, no descortino de critica e grandeza de palheta a seu serviço — incapazes, na vida, de sobrepor-se aos convencionalismos e banalidades que os circunda. Suas palavras são todas elas manhozas, incolores, retratando temperamentos sem vigor, sem belezas de convicções, nem mesmo no campo artistico — em que são floricultores. Respostas banais, por vezes até acarianas, deixam-nos desconfiar si são eles incapazes do que pensam vir a publico dizer, ou incapazes de pensar...

A «enquête» seria irremessivelmente o que têm sido tantas outras já feitas entre artistas, e que são o documento publico e desolador do que vai por essas mioleras, onde não faz pouzo a mais leve silhueta de ideal, si um pintor dos inqueridos, Miguel Capllonch, não corresse a salva-la, em parte ao menos, diziendo-nos francamente, com rudeza mesmo, o que pensava da arte e dos artistas, da pintura e dos pintores.

No meio de respostas mastigadas e conceitos de «entcandadores» da Alvear, Capllonch firma na sua arte um novo credo, novo entre os nossos pintores, e que cedo talvez seja por muitas bocas repetido e por varios pinceis alevantado.

Assim, quando perguntado o que pensava da arte em geral e da que se dedicava em particular, responde o artista:

— Restrinjindo a pergunta á arte da pintura, direi que quando não adulterada pelo mercantilismo, dignifica e enobrece, tornando o artista um ser estela, cullor da beleza, interprete de emoções e sentimentos, e não raro evangelizador de idéas puras, através da linha, da forma e da cor.

Isto define-o inteiramente. Tal conceito, que pena é não ser o de muita gente entre nós, é o que faz do artista esses tipos admiraveis que amamos sempre, através duma tela, dum marmore ou duma pajina.

Sobre as escolas preferidas, diz elle irreverentemente:

— Tolero a pre-rafaelistica e a academica, dentro de suas respectivas épocas e feições, como documento de quanto evoluimos até o «plainair». Como filho do seculo XX, filio-me ás escolas modernas porque tudo quanto é arcaico e retrogrado está sentenciado a dormir no pó dos arquivos arqueologicos.

Continuando diz-se simbolista, mas de um simbolismo racional e filosofico: «arte-

que não tenha sua parte conceptiva, imajinoza, creadora, sentida, é pura mecanica, habilidade ao alcance de todos».

Emquanto os outros dizem couzas vagas, relicenciadas no respeitante aos nossos pintores Capllonch sinceramente fala:

— Entre velhos, novos e novissimos (e entre os ultimos pitoricamente me inscrevo) penso que existem habilissimos e competentissimos pintores e não poucas esperanças de luminares do pincel. Porém, artistas, artistas na extensão lata da palavra, como eu a entendo — não se irritem os colegas — acho que me sobriariam dedos numa mão para conta-los. Entendo a arte como um sacerdocio. Outros julgam-na um passatempo, meio de vida, privilegio de habilidade. Tudo depende de pontos de vista.

É sempre dezabuzado, mas sincero, chocando aqulle ambiente de «frazes» e gagueiras, dá-nos o seu lema em arte: — «arte humana, idealista, libertaria, por eniender que a verdadeira missão da arte é ser util e não futil».

Julgo que a pintura, como toda arte, não se deve limitar á esportiva missão de oporluna «kodack» surpreendendo molhos intaressantes ou rejistando fatos banais. A arte além de colorido estilo e forma, deve ter uma finalidade, uma missão social que a justifique, a não ser apenas um estimulante para burguezes refinados.

Tal profissão de fé artistica vale bem um rejisto especial, pois é ella o documento de uma evolução jstada durante seculos a qual o nosso meio parecia, no entanto, se eximir.

Senão, é vizitar esses «salons» que se abrem: nada resalta dos trabalhos espostos, por onde se infira a mentalidade superior, de seus autores. E tudo simplorio, terra á terra, muito bem pintado, é possível, mas sem vislumbre ao menos de creação, de idéa, de génio. Cabeças bem acabadinhas, pedaços d'oceano ou mata virjem, labios que se acarnam em «boudoirs», melancias e lagostas, é o que se vê — e ver uma esposição, é ver todas — d'onde a gente sae sem que o nosso espirito prenda lembranças deste ou daquele quadro que alma estranha d'artista houvesse impregnado d'emoção, ou d'analyse ás paixões tumultuozas da existencia.

E arte d'estelas sem crenças superiores, sem requintes de beleza sadia e vigorosa, que a não comprehendem senão através seus temperamentos amolecidos e incapazes d'esforços mentais de grande folego. Dinlam, como dizem alguns na «enquête», por «mania» ou doenças... Ora, artistas que se julgam taes por enfermidades, hemorroidas ou diarréa, jamais poderão ter da arte esse conceito dignificador que a enaltece e torna o seu cultor, o homem que sempre tendo o belo a deslumbrar-lhe a vista, soergue o proprio homem aprimora os espiritos e corrige, muita vez, a propria natureza...

Devido a tais «dilettantes» é que a arte se apresenta, não raras vezes, como uma grande inutilidade. E' a «arte futil» de que nos fala Capllonch, a qual contrapõe ele a sua «arte idealista», d'elevada missão social que a justifica — e a consagra tambem.

Francisco-Alexandre

O C. C. e a Brahma

Surjido o conflito entre a Resistencia dos Carroceiros e a Companhia Brahma, não podia o Centro Gosmopolita furtarse a uma attitude, e essa attitude, claro está, tinha que ser orientada nos principios de solidariedade obreira.

Como sempre, a justiça e a lealdade estavam ao lado dos proletarios que se apresentavam em luta contra poderozos exploradores do trabalho. E o Centro Cosmopolita, como agremiação de homens do trabalho, não podia senão por-se ao lado de seus companheiros de infortunios, e assim fazendo, procedia á allura dos principios sempre por elle defendidos, e nas condições que a honestidade de uma classe reclamava.

E assim, foram immediatamente cortados todos os laços que o prendiam á Brahma laços de natureza economica, pois que a referida Companhia em tempo lhe emprestára alguns contos de reis, dos quais faltavam ainda dalguns, liquidado. Nesse sentido foi o Centro Cosmopolita auxilliado pelos companheiros carroceiros e mais os tecelões, podendo cedo vêr-se a vontade para agir, conforme a decencia e dignidade o determinavam.

Essa attitude do Centro, porém, não deixou d'encontrar quem a profligasse — os que leimavam em ver na Brahma a «grande amiga», a ponto de esquecerem-se de seus deveres, de suas posições de jente do trabalho, a quem são estranhos e antagonicos os interesses burguezes dos ricosos. Essa iluzão de pensarem a Brahma protetora, vinha do emprestimo por ela feito ao Centro. Ora, o emprestimo em questão, nada mais foi que um vantajoza negocio, onde a Brahma emprestou como capitalista, a nós outros que lhe oferecemos em troco vantajens irrecuzaveis. E' preciso saber-se, que tal emprestimo revestiu-se das condições de emprestimos vulgares, que se não fosse por ela aceito o seria por qualquer arjentario economista.

Foram 50:000\$000, sob hipoteca, defendidos por garantias incontestaveis e que renderam á nossa «grande amiga» a ninharia de 21.017\$830.

Bem podem por ai avaliar aqueles que acazo se tenham deixado embair pela acraza ronqueira dos renegados que, calando todos os sentimentos elevados se puzeram ao serviço dos interesses d

Companhia Brahma, que deveres de gratidão nos prendiam a ela, para que não cassemos impedidos de prestar aos companheiros da Resistência todo o concurso da nossa solidariedade, na luta em que se empenham contra os espoliadores dos seus direitos.

Coizas da Classe

Ultimamente se tem notado, no seio de nossa classe, um tal efervescer deplorável, que chega mesmo a causar pânico. Em parte, grande parte, são culpados os nossos próprios companheiros vítimas, pois que, olhando a vida por um prisma onde se reflecte somente o interesse economico, não têm pejo em servir sujeitos que mais não fazem que deixal-os a mingua, com remunerações irrisórias e degradantes.

E' triste que no meio da classe existam desses canalhas que não sentem repugnância em ganhar os minguados níqueis, assim, incondicionalmente, sujeitos a todas as ezijencias patronais, desde as mais picareskas até as mais humilhantes.

Porém, a couza será irremediável? Julgamos que não. E' impossível que em face dos exploradores que ora se requintam e multiplicam, nada se opere no sentido de lhes acalmar a sede espoliativa.

Vejamos pois, numa rápida revista, os principais bordéis, onde ha homens que fazem de raneira, compenetrados de que são decentes.

O primeiro será o «Grande Bar e Restaurant» antigo Franziskaner, recentemente aberto, e que na sua triunfal reabertura, só o fardamento que impoz aos seus «garçons» importou aproximadamente em quinhentos mil réis, pagos por essas obedientes e catitas creaturas.

Além, disso, teem que completar os salarios dos copeiros e secretarios, com as gorjetas colhidas miseravelmente entre as mezinhas.

Depois temos a já celebre sorveteria do Alvear, que como já é do dominio publico não pagá ordenado aos que lhe servem, os quais aleni de viverem só das gorjetas esmoladas, ainda compram flores para galhardia das mezas e deleite dos burguezes, e completam o ordenado do gerente. Edificante!

Agora mais um outro apparece-nos em perspectiva, e esse será, pompozamente chamado — Renascença.

E no entanto, esses patifes que nos estorquem assim, cada vez ficam mais ricos, e levam a vida com mais prazeres. Obrigam-nos a essa vida de esmola porque infelizmente ainda ha muita jente entre nós que não tem repugnância de ser lacaio.

Mas, companheiros, que contudo não deixareis de o ser, reflitam bem que trabalhar em tais casar é a suprema humilhação, não propria de homens, de trabalhadores, mas de escravos soezes.

Reflitam bem que essa degradação não vos é absolutamente necessária, si souberdes reajir, e para isso aqui estamos solidarios...

Albermas

Cronica da Paulicéa

Vivemos dominados pelo terror, não ha operario que saindo de casa ao amanhecer tenha certeza de voltar ao seu lar.

Desde o dia em que foi declarado o estado de sitio, e portanto suspensas as garantias constitucionaes — que nunca existiram para a classe trabalhadora — os senhores que nos governam, ou que pretendem governar-nos, iniciaram uma reacção terrivel contra todos aqueles que, não satisfeitos de viverem uma vida de miseria e de privações, tentaram levantar uma voz de protesto contra as iniquidades sociais, ou contra o barbarismo imperante. Em São Paulo já não se fala mais no direito da palavra, e tanto menos no direito de reunião que nunca existio, a liberdade de imprensa foi completamente abolida, a censura que devia ser aplicada em tudo que se relaciona com assuntos militares, tornou-se hoje a verdadeira «rolha» ao serviço dos belinguns que fazem dela o uzo que que melhor lhe convenha. A imprensa burgueza, aquela que não está de acordo com o situacionismo, apesar de sujeitar-se á mordida governamental, é censurada diariamente, quando seus artigos não satisfazem a «canalhocracia» dominante. A imprensa libertaria, esta não tem direito a circulação, para esta já não há censura, proibem absolutamente a publicação, e mesmo alguns jornais que pretendem occupar-se do movimento operario local são absolutamente impedidos pela censura, e podemos afirmar sem temor que o serviço de censura está confiado a individuos degenerados, «polizotes» de profissão, sem escrúpulos e sem dignidade, que fazem e desfazem o que bem lhe convem, pouco se importando com a opinião publica, sendo bastante satisfazer as muitas vaidades, e orgulhosos caprichos de seus chefetes.

Aqui a organização operaria não é absolutamente permitida, ás Ligas Operarias que depois da grande greve de julho surtiram, nos diversos arrabaldes da cidade, foram pelas autoridades assaltadas e prezos os seus membros mais ativos, sob o pretexto de ordem publica, e sempre sob o mesmo pretexto, invadem-se a altas horas da noite as casas dos militantes operarios, cometendo-se inauditas violencias, contra mulheres e crianças, despertadas em suas casas pela cahorrada ao serviço da burgueza, que pouco se importando com os gritos de inocentes crianças, que reclamavam a sultura de seus pais, arrancados ás suas familias, modestos operarios, réos somente de em beneficio de seus companheiros trabalharem em prol da organização operaria. Estes operarios uma vez prezos teráo que percorrer a «via crucis», pois são transportados á noite em carros fechados — (que fazem lembrar a celebre inquirição) de um cubiculo para outro, em humidas solitarias. E para furtar-se ás reclamações das familias, e advogados, são muitas vezes embarcados, acompanhados pelos CAIS de guarda até o grande matadouro da Noroeste do Brasil. Uma vez ali chegados, esses operarios palecem sacrificios horriveis desde o sacrificio da fome até o chicote do capanga.

Nas tristes repartições onde são transportados esses infelizes operarios, a «maleta» do berberi, e outras enfermidades, fazem diariamente centenas de vítimas, e muitos succumbem pelo «mau» funcionamento do aparelho digestivo, pois quasi não encontram com que alimentar-se a não ser de alguns palmitos que com muito sacrificio lhes é possível encontrar.

Na lei não se «encontra» defeza para o operario; algumas das familias que se deixaram iludir, procurando pelos meios legais, a defeza dos seus desaparecidos, tiveram que convencer-se de que a lei é uma arma em defeza do capitalismo, e que para os operarios há só uma lei: o xanfalho policial.

Mas o governo, que nos dias em que apavado com a grande greve do ano passado, prometera satisfazer algumas das aspirações do operariado, procedendo a deportações de alguns operarios, voltou soezadamente ao seu palacio compenetrado da certeza de ter sufocado toda e qualquer velocidade de revolta popular.

Porém hoje mais do que nunca podemos afirmar que, existe abafado pela reacção, o espirito de revolta entre as classes proletarias,

e o odio que aumenta diariamente, contra os cobardes e traidores, que faltaram, como sempre faltam, aos seus compromissos, tudo nos faz prever que está proximo o dia da «revanche». «Pressam-se os senhores governantes a tomar sérias medidas de reacção, porém mesmo aqueles poucos legalitarios que outrora confiavam nos compromissos de «honra» hoje estão convencidos de quanto vale a palavra e os compromissos assumidos pelos senhores que nos pretendem governar.

E não somente aumenta como dissemos, o odio contra esses senhores, por não terem satisfeito os compromissos assumidos com o povo, mas a carestia da vida tornou-se insupportavel, os generos de primeira necessidade alcançam preços exorbitantes, o pão, e outros generos necessarios á alimentação diaria, tornaram-se objectos de luxo, de modo que a subsistencia para os que labutam lhes é cada vez mais difficil, e tudo nos faz esperar (que como dissemos ao principio) está proximo o dia da «revanche» proletaria. E com a lição por estes recibida em julho de 1917 creio que difficilmente se deixarão iludir com promessas e palavras de «honra» que nunca serão cumpridas.

A situação melindrosa a que chegou a classe trabalhadora não permite que isto possa continuar por mais tempo. Chegou o momento em que a burgueza insaciavel no seu egoismo de ouro e de sangue, desapareça de uma vez para sempre no seu metodo de exploração, para dar lugar ao novo regimen de Igualdade e de Fraternidade, onde cada qual poderá gozar das riquezas sociais, patrimonio comum da Humanidade. Aproximamos-nos de um momento em que a Revolução Social iniciada na Russia estender-se-á pelo mundo inteiro, incendiando com seus raios de fogo as injusticias do presente, e proclamando sobre a terra, finalmente, o comunismo anarchico, unica aspiração da Humanidade. E somente com a destruição completa da sociedade actual é que poderão ser saueados os males que torturam a classe desprotejada.

Nada podemos esperar dos ambiciosos conquistadores do poder, e não é com o substituir um governo por outro e que o povo pode encontrar a sua felicidade, mas sim com a abolição completa de todos os governantes, de todos os vampiros sociais que vivem parasitariamente, como sanguessugas á custa do trabalhador.

E' preciso que sem mais demora sacudamos para longe, o peado jugo do capitalismo opressor que nos impede de sermos livres e felizes. Continuar nesta abominavel regimen de moderna escravidão, caminhar para o suicidio, avançar para a morte: morte certa e horreroza pela fome.

Na antiga escravidão, na escravidão que por tanto tempo aviltou o mundo, o escravo tinha regalias que hoje o operario não tem, pois se um deles era enfermo, era prontamente socorrido, era prontamente tratado para que não morresse, pois se tal acontecia era capital que o possuidor perdia. O patrão o escravocrata de hoje, não tem essa consciencia, para ele é completamente indifferente, que o operario viva ou succumba a mingua de recursos, teráo a certeza que quanto mais a miseria lhes arrebatou, uns e outros, irão encher suas fabricas e oficinas e eles em paga de tanto sacrificio atira-lhes com um duro e negro pedaço de pão, que mais parece uma esmola do que uma justa remuneração.

Aureos.

A COMIÇÃO PRO' VITIMAS POLITICAS

As associações — A todas as pessoas que solicitamente concorreram para a realização de sua obra

Dando hoje por terminada a sua tarefa em virtude de haver desaparecido agora o motivo que determinou a necessidade de sua organização e o desenvolvimento de sua actividade, a «Comissão pró Vítimas Politicas» vem por

este meio agradecer-lhes o valioso auxilio que tão prontamente prestaram os poucos companheiros que se interessaram pela realização da importante obra de solidariedade em favor dos operarios prezos e deportados, bem como de suas familias, que — ALÉM DO TERROR ocasionado pela barbara reacção da burgueza — ainda se viam no abandono forçado de seus entes queridos e na miseria, precizadas de immediato socorro para que não viessem a sofrer as torturas fatais da fome com todos os seus horrores.

Foi nesse critico momento da vida proletaria em S. Paulo que se tornou aqui a primeira «C. P. V. Politicas», que a despeito de seus louvaveis intuitos, não pôde continuar em seu trabalho, aliás tão indispensavel e que deveria merecer, como mereceu, a atenção de todos os homens de coração, chegando até a fazer eco na imprensa, que, representada pelo «Combate» e pelo «Pícolo», tomou a iniciativa de abrir subscrições em favor das vítimas. No entanto, passado o primeiro momento, não havia nenhuma entidade que tratasse de socorrer as vítimas, que eram ainda numerosas.

Mas eis que esse trabalho, afinal foi continuado pela prezente comissáo que começou a funcionar de fevereiro até junho deste ano, tendo trabalhado quanto pôde para socorrer as familias das vítimas e a elas proprias, que então se achavam umas nas prisões desta capital e nas do Recife em Pernambuco, e outras ainda, a caminho do desterro, metidas nos porões do «Curvelo» e do «Avaré», por ordem da burgueza paulistana, que precisava ser vingada.

Pensou-se, ali, em formar uma comissáo efetiva com o mesmo louvavel de obter uma organização permanente, de socorro, a actual comissáo, não dezanhou um instante sequer. Ela fez o que lhe foi possível. Apellou para a solidariedade de todos os companheiros, que a principio concorreram, mas logo uma parte deixou de contribuir nas listas dos auxilios mensais, prejudicando-lhe o expediente e reduzindo-lhe por essa forma os recursos economicos, que se escassearam, a ponto de ser preciso organizar festas para salvar a situação. E nisto prestou grande trabalho o companheiro Antonio Muzitano.

Assim é que hoje, dando por encerrado o seu trabalho, a Comissão apresenta seu balancete geral para conhecimento de todos os interessados, propondo-se mais a dar devido destino ao saldo existente em caixa e a fazer o mesmo ainda a algum dinheiro mais que posteriormente lhe seja enviado.

O seu Balancete Geral, cuja copia foi remetida a todos os contribuintes, deverá ser afixado nas sedes das associações operarias, afim de que seja vista por todos como foi feito o emprego do dinheiro.

E com toda estima e consideração, subscreve-se

Pela comissão João Penteado S. Paulo—6—1918.

Balancete Jeral da Comissão Pró Vítimas Politicas

Movimento do mez de fevereiro

ENTRADAS: Lista de Candens Duarte, 160000; Do Sindicato de Canteiros de R. Pires, 50000; De José Cerrutti, 20000; De Edmundo Colli, 20000.

Soma Reis. 241000

SAIDAS

A' familia de Florentino, 50000; A' companhia de Fernandes, 30000; A' familia de Edgard, 60000; A Florentino, enfermo no Rio e aos prezos, 60000; Aos pais de Lopes, 30000; Despeza com rejisto, selos e papeis, 38000.

Soma Reis. 242000

REZUMO:

Saida, 242000; Entrada, 241000.

Deficit 1000

Movimento do mez de março

ENTRADAS

Da festa do dia 9 deste mez, 117000

Contribuições mensais:

Edmundo Colli, 2000; José Carrutti, 2000; José Sanz Duro, 10000; Elmano, 10000; Paculo, 5000; Cezar Beleghini, 10000; Vidal Coimbra, 10000; Francisco Martinez, 10000; Julio Bin, 10000.

Listas diversas:

Do Sindicato Proletario, de Sabana, 10000; De Ramiro Alonaco, de Santos, 25000; De Gigi Damiani, 10000; De Francisco Bonilha, de Jahu, 9000; De Francisco de Paula (da festa do dia 9), 20000; De Francisco Martinez, idem, 1800; Do Sindicato de Canteiros, de Cotia, 41200.

Soma Reis 330700

SAIDA

Deficit de fevereiro, 1000

Papel, 1000; envelopes, 500; selos, 200; Bond por diversas vezes, 30000.

Para auxilios e regresso de Ladislau Sruk, 40000

Para papel carbono e selos, 18000

Auxilio á companhia de Fernandes, 30000

A' familia de Florentino, 60000

Aos pais de Lopes, 30000

A' familia de Edgard, 60000

Soma Reis 227000

REZUMO

Entrada, 330700; Saida, 227000.

Saldo 103700

Movimento dos mezes de maio e junho

ENTRADA

Saldo de abril, 398100

Lista da S. R. dos Laminadores de S. Caetano, 50000

Lista de Hermojeneo Silva, de Cruzeiro, 40000

Venda de mercadorias da festa de abril, 20000

Resultado liquido da festa de 11 e 12 deste mez, 75000

Soma Reis 224700

SAIDA

Habeas-corpus em favor de um operario preso na Lapa, 30000

Auxilio á familia de Ciancio, 30000

Papel, envelopes e selos, 30000

Soma Reis 65000

REZUMO

Entrada, 224700; Saida, 65000.

Saldo 159700

Pela comissão João Penteado.

Folhetim

Henri Béraud

A ação de um Fantasma

— Ou —

O Responsavel pela Grande Guerra

Traduzido para o COSMOPOLITA por Vicente de Miranda Reis

CAPITULO I

Morri sem gloria, entre um tabelião e uma mezinha de cabeceira. Estive todo um mez a vacilar, vai não vai, resistindo aos esforços conjugados de dois medicos. A moda então não ezija, como hoje, a morte violenta e inesperada, effeito de um tiro ou de uma bomba caída das nuvens. Não. Podia um homem morrer tranquilo, tomar tempo, ante-gozar a importância do dezenlace. A morte era ainda couza judicial e cooperativa.

Quando o porteiro dizia aos da casa, entregando-lhes o correio, que havia ali jente gado-lhes o correio, que havia ali jente morta, máquinas de costura, pianos, rixas conjugais, gritos de crianças, colloquios, ronzanias, pregões de vendedores de roupa, enfim todas as muzicas familiares do imovel mudavam-se, como por encanto, numa surdina suavissima de acordes respeitozos. E todos, desde a vendedora de tripas, bela mulher, até o pintor, do 5.º andar, todos eram parte nesse acontecimento. E havia «fantajem». Em sinal de luto, como que se transfiravam.

A sociedade voltou felizmente a melhores tradições. A falta de assucar e a prezação dos «bougats» fizeram com que melhor se julgum hoje os meritos civis.

Assim, meus ultimos momentos não foram ofendidos pela indifferença dos mens. Morri á vontade. Quer dizer que pude sem pejo manifestar minha repugnância pela morte sem que ninguém com isto se formalizasse.

Ninguém me convidou a abreviar o tranze, o que ninguém se absteia de fazer semanas mais tarde, quando era do bom tom dizer a todo cidadão que se aventurasava a queixar-se do que, quer que fosse: «Que diria V. se estivesse nas trincheiras?»

Eu agarrava-me pois á existência com uma teimozia humilde. A mulher, a chorar, ajudava-me nos meus esforços.

Para que eu cedesse, fez-se mister uma quantidade incrível de frascos, pilulas, elixires, unguentos, injeções, embrocacões, termometros. A Faculdade ezauriu comigo todos os recursos de seu ministerio. Fez, neste condemnado recalitrante, experiencia de todas as suad drogas: empregou a teriagaa, empregou o vulnerario de Gallieu, empregou, que sei eu? o diabo!

Tinha a minha molestia um nome absurdo e peregrino, tanto assim que as receitas que para mim se aviaram e bem aviado me deixaram, punham «palidos de espanto» todos os farmaceuticos de 18.º distrito. E foi até com certo orgulho que os meus parentes, lissonjeados pela curiozidade que o meu caso despertava, viram-me morrer de tão distinta molestia.

Não é o proposito de brilhar que me induz a estes detalhes. Absolutamente. Quero, tão só, mostrar que succumbi com pezar, com invencivel repugnância. Eu amava a vida, a natureza, a sociedade, as artes, as mulheres. E foi precisamente no momento de os deixar, que os prazeres, e mesmo os espinhos da existência, mais dezejaveis se me antolharam.

Entretanto, eu só conhecia o universo através de apparencias enganozas. Agora que estou morto, ele se me depara com outro aspecto. A beleza que nele admiro já não é só essa graça exterior este encanto cantado pelos poetas, imitado pelos pintores. E' a sua perfeição interna, são suas leis elementares e eternas, sua armação, e que eu me sentiria tentado a chamar «o seu esqueleto», se mi-

nhá condição de falecido não me inspirasse grande aversão ás comparações macabras.

Gostava tambem dos homens, ou pelo menos supunha gostar. Verdade, verdade, eu só dezejava mal aos meus credores, aos meus rivais e aos meus inimigos.

Possuia, nos limites do humano, o sentimento de fraternidade, mas o dezinteresse absoluto, lá isso não estava em meu animo. Demais, coração humano e coração espectral não são uma só coiza, como a seguir se verá.

Não sei se as opiniões que possuo um falecido ter sobre guerra, politica, finanças, literatura, constipação e outros problemas eminentes terão probabilidades de ser ouvidas por quem ainda não morreu. Parece-me, quanto a mim, que sempre pensei como hoje penso. Os homens politicos que evoluçionaram comprehendem-me.

Como quer, porém, que se julgue esta historia, não é decerto a vaidade literaria o que se deve ver nela.

Escrevo por escrever, seja dito sem ofensa aos que escrevem para pagar ao padeiro. Ha ainda muita jente viva, e enquanto não se morre, a vida é necessaria.

Antes de encetar o relato dos meus avatares de alem-tunulo, dejejo liquidar uma questão cuja importância não deixarão de reconhecer os curiozos.

Muitas pessoas com quem palestrei pediram-me informações sob a morte. Não sobre a morte condição dos fantasmas, morte-estado, mas sobre a morte-fenomeno. Quer dizer: o acontecimento morte, o dezenlace...

Constati que os homens não se preocupam sequer com o que lhes succederá da a tres semanas ou a quatro mil anos. Os que têm reljiozão estão perfeitamente orientados a este respeito. Os outros estão persuadidos que tornarão ao Grande Todo ou ao Grande Nada, o que, no pensamento deles, é uma e a mesma coiza.

Ora, todos, atens e crentes, preocupam-se com saber o que se passará no momento em que entregarião ao eter sua ultima provisão de ocisjenio.

Ser-me-ia tanto mais agradável informalos, quanto é em mim intenso o gosto do linguajar, e das indiscrições.

Infelizmente nada posso dizer, pela simples razão de nada saber.

Morri como quem adormece. Todos os meus irmãos machabeus partilham a minha ignorância; o que explica o embaraço dos espectros

a quem os «mediuns» frequentemente fazem tais perguntas.

Só dei pela minha morte um dia depois de morrer. Talvez isto pareça estranho. Mas é pura verdade.

Senti de subito, ao termo de doze horas de sono, que havia perdido o corpo. Tal sentação — é facil de imaginar — não é analoga a que experimentamos quando perdemos uma guarda-chuva. A alma deixa o corpo. Seja. Mas, ainda assim, urge uma explicação. Todas estas palavras: deixar, perder, não traduzem o caracter desta reparação. O «eu» consciencie desprende-se do corpo após uma especie de torpor, seguido dum periodo de incerteza, de duvida, de embaraço. Apalpa-se todo, revista-se, folga de ver que ainda é, que subsiste, tal como um cavalleiro que caisse inclumde de um auto-onibus. Depois é que medita sobre a nova situação.

Uma especie de vento imaterial, sopra vindo dos espaços inexplorados, ajita-o, sacode-o, arrebatá-o. E' ei-lo que se evade, como a folha que abandona a arvore, no outono, ao seu imovel declinio, para lançar-se aos caprichos do desconhecido.

Assim se espatria essa essencia misterioza do homem, chamada pelos gregos Sombra, pelos Romanos lemure, alma pelos cristãos, peri, pelos Orientais, consciencia pelos filozofos, perespirito pelos espiritistas e alma do outro mundo pelos nossos vovós.

E assim tambem, tendo abandonado a carcassa á hipocrizia humida dos meus herdeiros, meu proprio espectro desteriu o vôo.

A minha carcassa! Os pobres crocodilos enterraram-na, sem suspeitar que, ainda mais do que eles, eu a desprezava. Mal me vi livre da materia, preparei-me para viver com prazer a minha vida de fantasma. Prometi aos meus inviveis botéis dar o mais livre curso ás minhas fantazias. E cumprir a palavra.

Mas queiram prestar toda a atenção ao que vai seguir.

CAPITULO II

Revelações

A grande vantagem que tem sobre os homens os espectros, não é só esta de se trans-

portarem um ápice de um ponto ao seu anti-poda e, como se sabe, de tudo ouvirem sem escutar ás portas; é tambem a faculdade de «se substituirem», quando acham bom, por «individuos vivos». Substituem-se «em espirito», já se vê. E os homens, assim «entrancés», entregam-se aos seus costumados lozeres sem saber que estão obzados, sem suspeitar que uma força estravante os domina e arrasta.

Difficil seria explicar por que vias-chegamos a tais fins. Diversos autores, entre os quais, Ambrozo Rijnac, dicipulo do illustre Cagliostro, e, mais tarde, Myers, o douto Hoggson e o cel. Rochas, já o tentaram sem ezito. Que baste ao leitor saber que essa especie de Interim, bastante frequente, é um brinco para um fantasma experimentado. A maioria dos mortais eminentes têm servido, assim, de trujimóis de nossas vontades.

Isto explica o inesplicavel.

Não busquemos allures a fonte de certas famozas aberrações, de certos desvios historicos. Foram, não ha duvida, espectros esturpidos ou vingativos que desviraram o pensamento dos grandes homens. E os historiadores, em vez de se consumirem sobre atas e memorias falsificadas melhor fariam se applicassem essa razoavel solução ao problema das «alucinações da historia».

De resto, pouco nos importam a opinião desses inofensivos maniacos. Essas substituições de personalidade pertencem ao dominio dos fatos. Falo por experiencia propria. Outro fim não têm estas memorias que o de publicar o relato das minhas intervenções occultas nos acontecimentos contemporaneos. E' claro que o leitor sensado não tardará a supantar-lhes a verosimilhança.

Tais historias surpreenderão as pessoas que ainda não elejeram domicilio no cemiterio. E, por outro lado, os homens famozos deste tempo não se vangloriarão das decepções aqui relatadas. Não me dará credito, pois. Eu respondo d'antemão aos incredulos: «Dais do hombra, caro senhor, bela senhora? Nem podia ser de outro modo. Mas quando fôrdes defuntos, quando pela lei com um tiverdes vazio o craneo, verificareis, enfim, que ele não foi de modo algum ludibriado pelo veridico fantasma cujas aventuras vou narrar.

(Continua)

Companhia Hanseatica

Bebam as cervejas
**Polar,
Cascatinha,
Iracema e Sumaré**

Fabricadas com agua da Tijuca, captada na
propria nascente

Fabrica de Cerveja Oriente
de José Vasquez Ferro
Rua Visconde do Rio
Branco 30



GARIBALDI
Pitoresco parc ao ar
livre
(Entrada pela rua da Consti-
tuição 53)
TELEPHONE C. 1573
Rio de Janeiro



Café e Bilhares do Campo

Casa especial em, café, chocolate, leite de
Minas, mingaus, gemadas e ceias
ABERTO ATE' A' 11 HORA DA NOITE

José Antonio de Azevedo
R. Frei Caneca, 1

Canto da Praça da Republica e esquina da
Rua Barão do Rio Branco
TELEPHONE: C. 3750
RIO DE JANEIRO



NÃO HA DUVIDA que é na
CASCATA DO MINHO
a afamada casa de petisqueiras, sob a competente direcção do
Passos, é o unico restaurante onde se pode comer bem e a pre-
ços modicos, nestes dias de apertada parcimonia...
RUA DO LAVRADIO, 11 - Telephone C. 4725

BEBAM

CAXAMBÚ

A soberana das
Aguas de Meza

RIO DÃO O vinho de meza
preferido

IMPORTADORES
J Ferreira & C.

Cerveja Park Bier. Estomacal
e nutritiva
PRAÇA TIRADENTES, 27

CASA TIM-TIM POR TIM-TIM

XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX
* SEMPRE NA PONTA *
XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

ESPECIALIDADE EM PETISQUEIRAS A' PORTUGUEZA
E "COM ELLAS E SEM ELLAS" - ABERTO ATE' 1 HORA DA NOITE

Rua do Lavradio n. 41 - Telephone 3229
RIO DE JANEIRO

DURAN & BARBOSA

"Casa Rist"

Deposito excludivo de productos
nacionaes

VINHOS E CONSERVAS

Rua 7 de Setembro n. 77

Telephone 455 - Central

BEBAM

SALUTARIS

A Rainha das

Aguas de Meza

Solidarios com os companheiros da Associação de Rezistencia dos Cocheiros, Carroceiros e Classes Aneccas, na
luta em que se empenham contra a Companhia Brahma, rezolvemos romper com esta Companhia as nossas relações, sus-
pendendo o seu anuncio.

Se continuassemos a publicar semelhante anuncio, diante do ato da Companhia Brahma, que acaba de lançar á rua uma
centena de trabalhadores, por terem sabido defender dignamente os seus direitos, seria da nossa parte um triste ezemplo de
deslealdade e traição á cauza proletaria. Os empregados de hoteis, restaurantes, cafés, bars, etc. não podem e não devem
conservar-se indiferentes ao jesto de brutal autoritarismo com que a Brahma recebeu a justa reclamação dos seus empregados
Todos nós estamos ligados a esses companheiros pelos laços a mais estreita afinidade e sentimentos e de interesses porque
como eles, vivemos sob o jugo capitalista, ao passo que nenhum laço nos pode unir á poderosa Brahma, propriedade de arjentarios
ociozos que nada produzido em beneficio da humanidade, uzufrem uma vida de gozos. Portanto, em reprezalia á Brahma, não
vendamos os seus productos!